

A ÚLTIMA PÁSCOA DE JESUS E A SANTA CEIA

Mt 26.17-30

Sônia Duarte dos Santos¹

RESUMO

O Evangelho de Mateus é destacado pelos estudiosos como o mais importante entre os quatro evangelhos, por narrar a vida de Jesus dentro dos parâmetros da biografia greco-romana. Neste gênero literário as ações e discursos do protagonista eram descritos com o propósito de se tornarem exemplos de vida a serem seguidos. Tomando como base este evangelho, o presente artigo analisa a narrativa da paixão de Cristo relatada no capítulo 26, versículos 17-30. Como referências de análise são utilizados os elementos constitutivos da narrativa bíblica: personagens, tempo, cenário, enredo e narrador, como também os recursos retóricos que atuam no texto. A conclusão a que se chega é que, Jesus, cordeiro pascal, instituiu a ceia como ritual litúrgico em memória de seu sacrifício substitutivo pelos seus discípulos e símbolo de libertação e purificação de pecados. No desfecho da narrativa o leitor verifica que a purificação pressupõe arrependimento sincero e obediência aos ensinamentos de Jesus.

Palavras-chave

Narrativa bíblica, Páscoa, Jesus, Ceia.

ABSTRACT

The Gospel of Matthew is highlighted by scholars as the most important among the four Gospels, by narrating the life of Jesus within the parameters of the Greco Roman biography. In this literary genre the protagonist's actions and speeches were described in order to become life examples to follow. Based on this gospel, this article examines the narrative of Christ's Passion reported in chapter 26, verses 17-30. References are used to analyze the elements of the biblical narrative: characters, time, setting, plot and narrator as well as rhetorical devices that operate in the text. The conclusion reached is that Jesus, the Passover Lamb, instituted the supper as liturgical ritual in memory of his substitutionary

¹ Mestranda em Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie.

sacrifice for his disciples and as a symbol of liberation and purification of sins. In the outcome of the narrative the reader finds that the purification requires repentance and obedience to the teachings of Jesus.

Key words

Narrative Biblical, Passover, Jesus, Supper.

Texto bíblico: Mateus 26.17-30²

17 E, no primeiro dia da Festa dos Pães Asmos, chegaram os discípulos junto de Jesus, dizendo: Onde queres que façamos os preparativos para comeres a páscoa?

18 E ele disse: Ide à cidade, a um certo homem, e dizei-lhe: O Mestre diz: O meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei a páscoa com os meus discípulos.

19 E os discípulos fizeram como Jesus lhes ordenara, e prepararam a páscoa.

20 E, chegada a tarde, assentou-se à mesa com os doze.

21 E, comendo eles, disse: Em verdade vos digo que um de vós me há de trair.

22 E eles, entristecendo-se muito, começaram cada um a dizer-lhe: Porventura sou eu, SENHOR?

23 E ele, respondendo, disse: O que põe comigo a mão no prato, esse me há de trair.

24 Em verdade o Filho do homem vai, como acerca dele está escrito, mas ai daquele homem por quem o Filho do homem é traído! Bom seria para esse homem se não houvera nascido.

25 E, respondendo Judas, o que o traía, disse: Acaso sou eu, Rabi? Ele disse: Tu o disseste.

26 E, quando comiam, Jesus tomou o pão, e abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, e disse: Tomai, comei, isto é o meu corpo.

27 E, tomando o cálice, e dando graças, deu-lho, dizendo: Bebei dele todos;

28 Porque isto é o meu sangue, o sangue do novo testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados.

29 E digo-vos que, desde agora, não beberei deste fruto da vide, até aquele dia em que o beba novo convosco no reino de meu Pai.

30 E, tendo cantado o hino, saíram para o Monte das Oliveiras.

Introdução

Por ser o primeiro livro do Novo Testamento, o evangelho de Mateus torna-se importante por contar a vida de Jesus dentro dos parâmetros da biografia grego-romana³.

² O texto bíblico é da versão BÍBLIA Sagrada. 2. ed. Revista e atualizada no Brasil.

³ Charles H. Talbert define assim a biografia grego-romana:

Através de suas ações e palavras, o protagonista é apresentado com o objetivo de ser exemplo de vida e de autoridade aos seus seguidores. Segundo Ferreira:

A história de Jesus é apresentada com atualizações que a tornam relevante àqueles que a lêem [...] Nesse sentido, o gênero literário cumpre seu objetivo, uma vez que, como salientou Culler, ele propõe convenções e expectativas a seus leitores (2006: 58).

O objetivo deste artigo é analisar a narrativa da paixão de Cristo descrita em Mateus no capítulo 26, versículos 17-30. A metodologia utilizada será a teoria narrativa aplicada na análise de textos bíblicos. Para delimitar o texto desta narrativa bíblica observamos quatro critérios: tema, tempo, lugar, personagens. O tema unificador, que dá sentido à narrativa em estudo, encontra-se no versículo 18, quando o Mestre diz: “[...] em tua casa celebrarei a páscoa, com meus discípulos”. Com relação ao tempo o recorte foi obtido ao encontrarmos uma nova indicação de tempo, no discurso direto, quando Jesus diz: “Esta noite [...]” (v. 31). Quanto ao lugar, ocorre uma mudança no espaço onde se desenrolam os fatos dentro do tema (v. 30), quando Jesus e os seus discípulos saem para o Monte das Oliveiras. O quadro dos personagens se modifica com o desaparecimento de Judas, que certamente sai para buscar os soldados que iriam prender Jesus mais adiante (v. 47).

A narrativa tem início com os preparativos para a celebração da páscoa, comemorada por Jesus e seus discípulos e encerra-se com o fim desta celebração, ao cantarem um hino.

Serão analisados os seguintes componentes da narrativa: Tempo, em que momentos as ações tem o seu desenvolvimento; Cenário, ou seja, os lugares onde ocorrem as cenas da narrativa; Personagens, quais são e sua classificação conforme sua atuação e presença na narrativa; Narrador, a posição que ocupa em relação à história que narra e as estratégias que utiliza, com o objetivo de levar o leitor à compreensão do texto; Enredo, importante por garantir a unidade de ação e por dar sentido aos diversos elementos da narrativa. Estudaremos cada parte que compõe este último item: Exposição, Tensão, Resolução e Desfecho.

“Uma narrativa em prosa sobre a vida de uma pessoa, apresentando fatos supostamente históricos que são selecionados para revelar o caráter ou essência do indivíduo, geralmente com o objetivo de afetar o comportamento do leitor” (apud FERREIRA, 2006a: 56).

Tempo

A narrativa tem início com um indicativo temporal informando-nos que era “o primeiro dia da festa dos Pães Asmos [...]” (v. 17). Os fatos relatados acontecem no decorrer de um dia: pela manhã com os preparativos para a celebração da Páscoa e à tarde com a instituição da eucaristia. No versículo 21 lemos: “Chegada à tarde, pôs-se ele à mesa com os doze discípulos”.

A voz narrativa conta a história conjugando os verbos no pretérito perfeito do indicativo, caracterizando uma narrativa Ulterior⁴. A voz do protagonista Jesus faz-se presente como co-narrador anunciando os fatos antes de acontecerem: quanto ao anúncio de onde será comemorada a Páscoa (v. 18), quanto à revelação de que um dos discípulos o trairá (v. 21 e 23) e quanto à declaração de que ele só beberia do fruto novo da videira, “daquela hora em diante”, quando estivesse com os discípulos no reino de seu pai (v. 29). Este tipo de narrativa é classificado como Anterior⁵.

Há sincronia no enredo que possui cronologicamente início, meio e fim. Observa-se também anacronia, conforme nos ensinam Daniel Marguerat e Yvan Bourquin no livro *Para ler as narrativas bíblicas*:

A anacronia surge no momento em que a narrativa dá um salto, seja para trás (para o passado), seja para frente (para o futuro). Volta para trás [...] A referência às Escrituras é um caso clássico de volta para trás (ou flashback) nos evangelhos; essa evocação do passado tem um nome: **analepse** (2009: 112 e 113, grifo nosso).

A anacronia ocorre na história individual de Jesus quando ele faz menção do passado, referindo-se às Escrituras Sagradas que profetizaram sua traição e morte, constituindo-se uma analepse. A analepse aqui tem como função mostrar que “esse passado dá ao presente seu caráter determinante” (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009: 118). Outra anacronia se dá no plano sociorreligioso: Jesus celebra a Páscoa, institui a Santa Ceia entre seus discípulos e anuncia a grande ceia que será celebrada no reino de seu pai, com todos os remidos juntos com ele. O salto para a frente, dentro do tempo na narrativa, anunciando a paixão e a futura ceia constitui um caso de antecipação denominado prolepse.

⁴ Ulterior é a posição clássica da narrativa no tempo passado (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009: 107).

⁵ Narrativa prenunciativa, anterior aos fatos (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009: 108).

[...] esse “salto para o futuro” mostra a importância da ligação estabelecida entre um acontecimento e um costume que tem nele sua origem. Para o leitor, passado e presente se ligam; [...] Por ocasião da saída do Egito, Moisés se dirige aos anciãos de Israel: “Observareis este rito quando tiverdes entrado na terra que o Senhor vos dará, como ele o disse”. Quando vossos filhos vos perguntarem: ‘Que rito é esse que estais celebrando? Direis: É o sacrifício da Páscoa para o Senhor, que passou diante das casas dos filhos de Israel no Egito, quando golpeou o Egito e libertou nossas casas’ (Ex 12.26-27). A função da prolepse é a de lembrar ao povo que a promessa divina se cumprirá (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009: 115).

A Páscoa aponta para o sacrifício de Jesus, que ainda não havia acontecido, mas a prolepse vem confirmar a promessa feita através do ritual relatado. Pão e vinho simbolizam a obra redentora de Cristo em favor de seus seguidores.

No versículo 22 o narrador nos faz cientes da reação emocional que ocorre aos discípulos quando tomam conhecimento de que um dentre eles trairá o mestre. Este é um caso de tempo psicológico⁶ que conduz o leitor à reflexão dos seus próprios sentimentos mais íntimos, fruto de planos executados ou a executar.

Cenário

O cenário tem sido subdividido em duas ou até três cenas conforme comentaristas bíblicos. Para Davies e Allison Jr.: “As cenas estão associadas por tema (todas as três concernentes à última ceia Pascal de Jesus)” (1997: 455, tradução nossa), As três cenas são: Cena 1 – a preparação da Páscoa (v. 17-19); Cena 2 - A declaração de Judas como Traidor (v. 20-25) e Cena 3 - Instituição da ceia (v. 26 - 29). Para MacArthur (1989: 139), a mesma narrativa pode ser dividida em duas cenas.

Nesta análise optaremos por dividir a história em duas cenas: cena 1 – Mt 26.17–19 e cena 2 - Mt 26.20-30.

Na primeira cena não há nenhuma referência quanto ao local onde se encontram os personagens. Ao dar as instruções aos discípulos Jesus diz: “Ide à cidade [...]” (v. 18). Uma hipótese é que estivessem nos arredores de Jerusalém. No primeiro versículo de nossa perícopes percebe-se uma preocupação dos discípulos em saber onde eles iriam celebrar a

⁶ “[...] o tempo psicológico é o tempo que se passa na interioridade dos personagens ou na fala do próprio narrador” (FERREIRA; AMARO; PROFETA, 2008: 58).

Páscoa. Ainda no versículo 18 é indicado o lugar específico onde ocorreram os fatos relatados na segunda cena: na casa de certo homem, na cidade. Esta cidade era Jerusalém, pois no versículo 30 eles saem para o monte das Oliveiras, que fica em Jerusalém. A Cidade Santa é identificada nos evangelhos como o lugar da rejeição do protagonista, Jesus.

Em Mateus a geografia parece indicar focos de aceitação e rejeição. Jerusalém é o local onde são erguidas barreiras de oposição a Jesus desde o princípio. Pode-se constatar logo após seu nascimento quando Herodes, o rei cujo poder situa-se em Jerusalém, tomando conhecimento do fato, alarma-se. [...] Ao final do ministério de Jesus Jerusalém retorna à cena como o local onde será martirizado (FERREIRA, 2006a: 46, 47).

No versículo 20, o narrador nos informa sobre um lugar mais específico: Jesus e seus discípulos estão sentados à mesa.

A norma em Israel era que, se alguém nessa época tivesse espaço de sobra, devia cedê-lo gratuitamente a qualquer família ou grupo que quisesse fazer uso sagrado dele. O dono da casa seria um dos seguidores de Cristo, que conseqüentemente ficaria feliz em acomodar ao Mestre e seus discípulos (HENDRIKSEN, 2000: 567).

Durante a ceia os discípulos têm um momento de comunhão com Jesus, que abre a eles o coração, declarando que irá ausentar-se deles e que o próximo encontro será no reino de seu pai (v. 29). Aquele lugar terreno significava separação, sofrimento, sacrifício, paixão e morte. O reino do pai será o lugar de reunião, festa, vitória, exultação e vida eterna.

Personagens

Para classificar os personagens da narrativa é levada em consideração a intensidade destes na história e seus traços característicos. Hierarquicamente eles são identificados como primeiros papéis, segundo papéis e figurantes, conforme lemos:

Chamaremos os primeiros papéis de protagonistas. Os protagonistas desempenham um papel ativo na intriga e situam-se em primeiro plano: Ao inverso dos protagonistas, os figurantes se limitam a compor pano de fundo, podendo ser individuais ou coletivos: uma multidão, um habitante, um transeunte. Entre esses dois extremos (protagonista e figurantes)

situam-se os segundos papéis, que os narratólogos batizaram com o curioso nome de cordão. Sua função limitada está a serviço do enredo (MARGUERAT; BOURQUIN, 1998: 77).

No texto em foco, o narrador não traz ao leitor, de um modo geral, as características de seus personagens. Os únicos a serem descritos em termos de ações e características psicológicas são os discípulos: eles vão até Jesus, obedecem as suas ordens no que diz respeito aos preparativos para a festa da Páscoa, ficam “muitíssimo contristados” por saberem que um dentre eles trairia o Mestre (v. 22). Portanto, os discípulos desempenham um papel ativo no enredo e ocupam os primeiros papéis.

Jesus é o principal personagem que se apresenta através do discurso direto como aquele que dá a vida “em favor de muitos, para remissão de pecados” (v. 28b). Jesus é o herói nesta narrativa, porque quando seus inimigos procuram destruí-lo através da sua morte, eles estão, na verdade, cooperando com o plano divino de salvar o seu povo.

Judas é o antagonista que vai entregar Jesus aos principais sacerdotes, os quais desejavam tirar-lhe a vida. Assim, Judas é quem gera o conflito no enredo.

O “certo homem” é descrito como aquele que possui uma casa e abre as portas para Jesus e seus discípulos. Ele ocupa o segundo papel, pois sua ação contribui para o desenrolar dos fatos dentro da história contada.

Numericamente os personagens podem figurar sob forma singular ou sob forma coletiva. Os discípulos são um exemplo de personagem coletivo e os demais personagens, nomeados, são considerados singulares: Jesus, Judas, certo homem.

Narrador

O Narrador é aquele que percebe o acontecimento a ser contado. Quando utiliza o verbo na 3ª. pessoa, é por que se situa fora da história, sendo onisciente e onipresente, possuindo vários ângulos de visão. “O texto é sempre a expressão do narrador, e só comunica o que o narrador quis transmitir” (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009: 92).

Ele faz uso de comentários para acrescentar informações que julga serem necessárias para a compreensão do leitor. Vejamos primeiramente os comentários explícitos:

A glosa é um comentário acrescentado. Há diversas formas de glosas: os argumentos bíblicos, a explicação, a tradução, a visão do interior e a visão por trás, a avaliação (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009: 127).

É possível identificar uma glosa explicativa no versículo 25: “Então, Judas, que o traía [...]” onde o narrador faz uma comunicação direta ao leitor. No versículo 22, constata-se uma visão interior dos personagens: “Eles, muitíssimo contristados, [...]”, tornando o leitor ciente da razão por que cada um dos discípulos se dirigiu até o Mestre para lhe perguntar se seria ele mesmo o traidor.

Este sentimento, por parte dos discípulos, é resultante do costume oriental, conforme lemos em Hendriksen, sobre o versículo 23, “[...] o que mete comigo a mão no prato, esse me trairá”:

Não estavam todos os dozes discípulos molhando bocados de comida na tigela cheia de um caldo feito com frutas moídas (provavelmente tâmaras, figos e uvas), água e vinagre? Judas seguramente não era o único homem a fazer isso. Portanto, o que o Senhor está fazendo é isto: ele está enfatizando o vil caráter do ato do traidor. Ele está dizendo: “Pensem nisto; meu traidor está participando de minha comida”. Jesus mesmo era o anfitrião. Todos os demais estavam participando de sua refeição. Especialmente no Oriente Próximo, uma região onde aceitar a hospitalidade de alguém para então lesá-lo, era considerado muitíssimo repreensível [...] (2000: 569).

Dessa forma, o costume do Oriente preservava a comunhão no partir do pão e não a traição, a qual Jesus se referia. Essa notícia da traição deixou os discípulos perplexos. Contudo, eles não sabiam que era esse o modo pelo qual Jesus seria entregue nas mãos dos líderes religiosos para ser sacrificado.

Como estratégia, recursos retóricos compõem os comentários implícitos. No início da história o narrador cita a festa dos Pães Asmos ou a festa da Páscoa. Há aqui uma intertextualidade⁷ com o Antigo Testamento, no livro de Êxodo capítulo 12 versículos 1-14, quando foi instituída a Páscoa por Moisés. Esta passagem traz a instrução sobre como seria celebrada a Páscoa de geração a geração como memorial da libertação da escravidão no Egito operada por Deus.

⁷ Intertextualidade explícita corresponde ao fato de que “todo texto é absorção e transformação de outro texto” (KRISTEVA apud BARROS, FIORIN, 1998: 71).

Êxodo 12.1-14	Mateus 26.17-30
<p>1 E FALOU o SENHOR a Moisés e a Arão na terra do Egito, dizendo:</p> <p>2 Este mesmo mês vos será o princípio dos meses; este vos será o primeiro dos meses do ano.</p> <p>3 Falai a toda a congregação de Israel, dizendo: Aos dez deste mês tome cada um para si um cordeiro, segundo as casas dos pais, um cordeiro para cada família.</p> <p>4 Mas se a família for pequena para um cordeiro, então tome um só com seu vizinho perto de sua casa, conforme o número das almas; cada um conforme ao seu comer, fareis a conta conforme ao cordeiro.</p> <p>5 O cordeiro, ou cabrito, será sem mácula, um macho de um ano, o qual tomareis das ovelhas ou das cabras.</p> <p>6 E o guardareis até ao décimo quarto dia deste mês, e todo o ajuntamento da congregação de Israel o sacrificará à tarde.</p> <p>7 E tomarão do sangue, e pô-lo-ão em ambas as ombreiras, e na verga da porta, nas casas em que o comereis.</p> <p>8 E naquela noite comerão a carne assada no fogo, com pães asmos; com ervas amargas a comerão.</p> <p>9 Não comereis dele cru, nem cozido em água, senão assado no fogo, a sua cabeça com os seus pés e com a sua fressura.</p> <p>10 E nada dele deixareis até amanhã; mas o que dele ficar até amanhã, queimareis no fogo.</p> <p>11 Assim, pois, o comereis: Os vossos lombos cingidos, os vossos sapatos nos pés, e o vosso cajado na mão; e o comereis apressadamente; esta é a páscoa do SENHOR.</p> <p>12 E eu passarei pela terra do Egito esta noite, e ferirei todo o primogênito na terra do Egito, desde os homens até aos animais; e em todos os deuses do Egito farei juízos. Eu sou o SENHOR.</p> <p>13 E aquele sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; vendo eu sangue, passarei por cima de vós, e não haverá entre vós praga de mortandade, quando eu ferir a terra do Egito.</p> <p>14 E este dia vos será por memória, e celebrá-lo-eis por festa ao SENHOR; nas vossas gerações o celebrareis por estatuto perpétuo.</p>	<p>17 E, no primeiro dia da Festa dos Pães Asmos, chegaram os discípulos junto de Jesus, dizendo: Onde queres que façamos os preparativos para comeres a páscoa?</p> <p>18 E ele disse: Ide à cidade, a um certo homem, e dizei-lhe: O Mestre diz: O meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei a páscoa com os meus discípulos.</p> <p>19 E os discípulos fizeram como Jesus lhes ordenara, e prepararam a páscoa.</p> <p>20 E, chegada a tarde, assentou-se à mesa com os doze.</p> <p>21 E, comendo eles, disse: Em verdade vos digo que um de vós me há de trair.</p> <p>22 E eles, entristecendo-se muito, começaram cada um a dizer-lhe: Porventura sou eu, SENHOR?</p> <p>23 E ele, respondendo, disse: O que põe comigo a mão no prato, esse me há de trair.</p> <p>24 Em verdade o Filho do homem vai, como acerca dele está escrito, mas ai daquele homem por quem o Filho do homem é traído! Bom seria para esse homem se não houvera nascido.</p> <p>25 E, respondendo Judas, o que o traía, disse: Porventura sou eu, Rabi? Ele disse: Tu o disseste.</p> <p>26 E, quando comiam, Jesus tomou o pão, e abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, e disse: Tomai, comei, isto é o meu corpo.</p> <p>27 E, tomando o cálice, e dando graças, deu-lho, dizendo: Bebei dele todos;</p> <p>28 Porque isto é o meu sangue, o sangue do novo testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados.</p> <p>29 E digo-vos que, desde agora, não beberei deste fruto da vide, até aquele dia em que o beba novo convosco no reino de meu Pai.</p> <p>30 E, tendo cantado o hino, saíram para o Monte das Oliveiras.</p>

O texto do livro de Êxodo autentica o discurso de Jesus na Santa Ceia ao conferi-lo com o seu “selo original”. Esta intertextualidade introduz uma informação ao leitor sobre os dados com os quais fará ressonância ligando uma verdade do passado, própria da cultura judaica, com a instituição da ceia no presente da narrativa, destacando valores comuns entre os dois textos, segundo Marguerat e Bourquin:

A relação que o discurso citante tece com o discurso citado merece ser examinada, de cada vez, se queremos determinar que função argumentativa o narrador pretende fazê-lo desempenhar (2009: 13).

Tanto no texto de Êxodo como no de Mateus o discurso versa sobre a Páscoa, trazendo o significado de libertação. No tempo de Moisés referia-se à libertação da escravidão do Egito. Em Jesus refere-se à libertação da escravidão do pecado. Ocorre então a ambivalência do signo que constitui a interdiscursividade entre os dois textos.

A linguagem simbólica é rica neste enredo: o cordeiro Pascal é símbolo de Jesus quando diz: “Tomai, comei, isto é o meu corpo” e “Bebi dele todos; porque isto é o meu sangue” (v. 28). A metáfora tem o objetivo didático de aprofundar o conhecimento a respeito de Jesus e levar o leitor a compreender o significado de seu sacrifício para sua vida. Simbolismo, aplicado aos textos bíblicos, é:

Efeito pelo qual um motivo da história contada é portador de um significado mais amplo; sem que este seja explicado pela narrativa (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009: 145).

Assim, Jesus serviu pão e vinho na refeição Pascal. O pão e o vinho apontam para a nova manifestação salvadora de Deus: a paixão de Cristo.

A polissemia⁸ também está presente através de um efeito retórico que visa provocar um processo de reflexão no leitor. Baseado nesta informação, o pão, dentro da Santa Ceia instituída por Jesus, significa o seu corpo, como também o alimento para edificação da alma. O vinho significa o sangue de Jesus que será derramado na cruz, além de ser o único meio de purificação dos pecados.

Outra estratégia, chamada paradoxo, é a construção do enredo onde os fatos são organizados de modo a contrariarem o senso comum. No versículo 24 Jesus faz uma declaração, como co-narrador, de que será crucificado conforme as Escrituras (Sl 41.9), “mas ai de quem o entregar à morte”. É interessante observar que a morte de Jesus já estava nos propósitos divinos, mas todos que se envolveram no plano de tirar a vida do Mestre e o executar foram responsabilizados pelos seus atos.

⁸ Polissemia é “a pluralidade de significações ligadas a um termo ou a uma expressão” (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009: 145).

Enredo

O enredo é o desenrolar dos acontecimentos, incluindo e envolvendo os elementos já apresentados. Ele é organizado de modo a produzir sentido, relacionando fatos dentro de uma lógica causal. Todo enredo envolve um conflito que deverá ser solucionado até o fim da narrativa. O enredo está dividido:

a) Exposição: introduz os fatores iniciais, os personagens, às vezes o tempo e o espaço. É o momento em que o leitor se situa diante da história que lerá b) Tensão: nesse tópico da narrativa inicia o conflito. Como tensão, entendemos que algum elemento da narrativa (personagens, situações, idéias, sentimentos) se opõe a outro, criando uma relação dramática que organiza os fatos da narrativa e prende a atenção do leitor. Pode haver mais de uma tensão em um mesmo texto. Essa parte da narrativa é mais intensa, a mais dinâmica de toda a história, c) Resolução: traz solução à questão geradora da tensão. Nela a intensidade narrativa diminui e o texto se torna lento, d) Desfecho: proporciona a conclusão da narrativa, afirmando os resultados da resolução da narrativa, as conseqüências. Nesse ponto a desaceleração narrativa é evidente (FERREIRA; AMARO; PROFETA, 2008: 63).

Em nosso texto, a exposição encontra-se nos versículos 17 – 20, onde foram apresentados os personagens Jesus, os discípulos e o homem que os hospedou por ocasião da Páscoa; os cenários (um local fora da cidade de Jerusalém e ao redor da mesa numa casa em Jerusalém) e o tempo interno da história contada que aqui é descrito como “No primeiro dia da festa dos Pães Asmos”. Entendemos manhã e tarde. Manhã e tarde trazem um significado. Manhã traduz-se por um tempo de preparação e tarde estabelece um começo: nela Jesus ceia com seus discípulos à mesa, anuncia sua morte e a institui como ritual em memória dele.

A narrativa compõe-se de tensão 1 e tensão 2. A tensão 1 tem lugar nos versículos 21-24, sendo uma tensão entre Jesus e seus discípulos: quem dentre eles iria trai-lo? Por que Jesus fez essa declaração que causou aflição em todos os discípulos e não só em Judas?

A resposta dada por Jesus no versículo 23: “O que mete comigo a mão no prato, esse me trairá”, serviu a alguns propósitos, conforme Hendriksen:

1) Propiciar uma oportunidade a que os discípulos se examinassem [...] Por não havê-lo identificado, o Senhor estava fazendo um favor a todos.

Ele sabia que o auto-exame seria o melhor exercício para homens como esses. Que cada discípulo se encha de sérios pressentimentos, de saudável desconfiança de si mesmo. 2) Era uma advertência para Judas. O sério caráter de admoestação implícita aumenta a culpabilidade de Judas. A revelação desse detalhado conhecimento teria posto Judas em guarda para que, mesmo nessa hora já avançada devolvesse as 30 peças de prata (2000: 570).

No versículo 25 Judas usa a mesma expressão que os discípulos ao perguntar a Jesus se seria ele o traidor: “Acaso sou eu, Mestre?” Interessante que, analisando a expressão em grego, constata-se que o termo usado espera uma resposta negativa. Carter em seu comentário diz: “A pergunta dos discípulos [...] expressa sua confiança de que permanecem leais. [...] O foco se estreita a uma pessoa. Jesus parece saber quem é o traidor, mas não o nomeia” (2002: 625). Já o comentarista Rienecker escreve: “Considerou-se improvável que Judas também tenha perguntado assim (Mt 26.25). Porém, como todos os outros perguntavam, ele não podia deixar de fazê-lo, para não se delatar” (1998: 417). Esta atitude de Judas demonstra sua índole de enganador e revela o “mecanismo retórico da ironia”⁹.

A ironia aqui se constata pelo fato do narrador já ter revelado que Judas traía Jesus. O leitor percebe uma incoerência entre a história contada e o comentário do narrador feito anteriormente. A ironia “visa chamar a atenção dos leitores para o ponto de vista avaliador do narrador, a levá-los a partilhar de seu julgamento, de sua hierarquia de valores, de sua visão de mundo, de sua ideologia, enfim” (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009: 139).

A pergunta de Judas resulta na sua própria acusação com a resposta de Jesus: “Tu o disseste”. Neste momento estabelece-se a resolução da primeira tensão. Ocorre aqui a ruptura de Judas com Jesus e os discípulos.

A segunda tensão, nos versículos 26-28, ocorre quando Jesus ministra a Santa Ceia: entre os elementos da Páscoa, conforme o texto de Êxodo 12:3 e 6, o cordeiro deveria fazer parte da refeição. Mas, contraditoriamente ao costume judaico, o cordeiro não havia sido comprado, nem assado e temperado. A indagação dos discípulos à mesa, implícita no texto, logicamente seria: – Onde está o cordeiro?

⁹“Nas narrativas bíblicas, a ironia se manifesta de duas formas: a ironia *verbal* ocorre no momento em que alguém diz conscientemente uma coisa, mas pensa o contrário; a ironia *dramática*, ou situacional, traduz uma discordância entre uma situação da história contada e os sinais contraditórios emitidos pelo narrador quanto à significação” (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009).

Na Páscoa havia derramamento de Sangue. A vinda de Cristo, portanto, aboliu a necessidade de se sacrificar animais, pois o que era anunciado pelos sacrifícios encarnou-se como o perfeito Cordeiro (COCCARO, 2010: 10).

A tensão fica mais drástica pela identificação, totalmente estranha aos discípulos: “isto é o meu corpo” e “isto é o meu sangue”. Jesus assume ser o Cordeiro, revelando, na comunhão ao redor da mesa, que eles irão se separar, pois ele será morto.

Neste momento a tensão se intensifica: o partir do pão denota o seu corpo sendo ferido, e ao falar de derramamento de sangue enuncia “um ato violento de auto doação” (CARTER, 2002: 626).

A resolução da tensão 2 é o prenúncio de um futuro glorioso em que o Mestre e seus discípulos se unirão novamente no reino de seu pai, e celebrarão então a vitória do Cordeiro sobre a morte, (versículo 29b). Naquele momento a ceia anunciava o sacrifício iminente do Cordeiro. Lá no reino de seu pai serão comemorados os resultados deste sacrifício: a vida eterna e triunfante de um povo com seu herói.

O anúncio de um reencontro futuro possibilita aos discípulos uma nova visão e compreensão dos acontecimentos preanunciados, e encaminha a narrativa para o seu desfecho no versículo 30, quando Jesus e seus discípulos deixam o cenário onde estão e se dirigem para o monte das Oliveiras.

Conclusão

Considerando o desenvolvimento desta metodologia de análise, podemos concluir que o uso dos elementos que compõem a estrutura da narrativa nos permite extrair do texto muitas informações importantes para sua interpretação. A aproximação do leitor para com a narrativa bíblica o conduz a refletir sobre si mesmo. A comunicação se estabelece pela identificação do leitor com a história da Páscoa que traz como significado a passagem da escravidão para a liberdade.

Este enredo, particularmente, nos leva a pensar no comportamento dos discípulos em relação a Jesus. Onze deles demonstram que aprenderam a amá-lo e respeitá-lo como o “Senhor” (como o chamaram no v. 22) e por isso o obedeciam. No entanto, o traidor demonstra ser frio e insensível para com o ser humano. Passou três anos andando com o

“Mestre” (como o chamou no v. 25), mas os ensinamentos recebidos não foram assimilados. Ele era uma pessoa que valoriza mais as coisas do que as pessoas.

A atitude de Jesus para com os seus discípulos, levando-os a sentarem com ele à mesa para cearem, revela que os considerava como seus familiares. O cenário é de comunhão: assistimos Jesus abrir seu coração perante os discípulos. A advertência feita a Judas, dando-lhe ainda oportunidade de não efetuar seu plano de traição não muda o quadro já traçado por ele mesmo, pois sua ganância fala mais alto ao coração. Somente para este discípulo o cenário é de exclusão.

Dentro do tema da Páscoa, a ceia é instituída como memorial do sacrifício de Jesus pelos seus seguidores como símbolo da libertação e purificação de pensamentos, sentimentos enganosos e paixões vis.

Na vivência pós-Páscoa a comunidade cristã reafirma sua relação com Jesus Cristo mediante uma refeição celebrada em seu nome, na qual ele está presente. Esse aspecto se destaca pelas expressões: “meu corpo” e “meu sangue” referentes ao pão e ao vinho, respectivamente (FERREIRA, 2006: 51).

Referências bibliográficas

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs.) *Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Mikhail Bakhtin*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BÍBLIA Sagrada. 2. ed. Revista e atualizada no Brasil. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CARTER, Warren. *O evangelho de São Mateus*. Comentário sóciopolítico e religioso a partir das margens. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Paulus, 2002.

COCCARO, Giuliano Letieri. *Cada Dia*. Campinas: LPC comunicações, v. 30, n. 4, abril de 2010.

DAVIES, W.D.; ALLISON JR., Dale C. *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to Saint Matthew*. v. 3. Edinburgh: T&TClark, 1997.

FERREIRA, João Cesário Leonel. “*E ele será chamado pelo nome de Emanuel*”: o narrador e Jesus Cristo no evangelho de Mateus. 2006a. 453 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Instituto de Estudo da Linguagem, Campinas – SP.

_____. Estudos literários aplicados à Bíblia: dificuldades e contribuições para a construção de uma relação. *Revista Theos*, Faculdade Teológica de Campinas, Campinas, 3. ed., 2006b. Disponível em: <
http://www.revistatheos.com.br/Artigos%20Anteriores/Artigo_03_03.pdf >.

_____; AMARO, Diego Werner Cattermol; PROFETA, Helder Graciano. A relevância da teoria literária para a exegese bíblica: um exercício em 1 Samuel 1.1-28. *Revista Teológica*, Seminário Presbiteriano do sul, Campinas, v. 68, p. 51-69, 2008. Disponível em:< <http://www.sps.br/index.php/revista-teologica/category/3/rt-65-66>>.

HENDRIKSEN, William. *Mateus*. v. 2. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2000 (Série: Comentário do Novo Testamento).

MACARTHUR, John. *Matthew 24-28*. v. 4. Winona Lake: BMH Books, 1989 (MacArthur New Testament Commentary).

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa*. Tradução de Margarida Oliva, São Paulo: Loyola, 2009.

RIENECKER, Fritz. *Evangelho de Mateus*. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998 (Comentário Esperança).